

Memória da CIDADE



Ademar Médici

A memória avança, apesar de tudo

Um ano de avanços na área de resgate da memória. Assim pode ser definido 1987, período de grandes conquistas, excelentes descobertas e, principalmente, de muita mobilização popular. São Bernardo conseguiu, junto à comunidade, seus mais expressivos resultados neste campo, o que se desprende de relatório preparado pela Supervisão de Pesquisa e Estudos da História Local. Ao longo de 87, foram gravados depoimentos de moradores e realizadas pesquisas junto a famílias, entidades, sindicatos, escolas.

Do mesmo modo, foram feitas pesquisas no Arquivo Geral da Prefeitura de Santo André e na Hospedaria dos Imigrantes. O Conselho Municipal de Patrimônio Histórico (Compahc) valeu-se dos préstimos da entidade em pesquisas desenvolvidas em capelas, igrejas, escolas e famílias. Deu-se prosseguimento à pesquisa sobre o Bairro Baeta Neves, iniciativa da sétima série da Eepsg Dr. José Fornari, e concluiu-se o livro sobre o Bairro Assunção, com levantamentos efetuados pelo pesquisador Mário Stangorlini. Também desenvolveu-se pesquisa em indústrias locais e houve ampla divulgação de detalhes da história da cidade, via imprensa.

Foram muitos contatos e várias exposições, dentre as quais a das Bandas Municipais, na série São Bernardo, Aspectos e Raízes, da Sala São Bernardo; Conheça Mariana Prado (foto) e relativa aos 43 anos da emancipação político-administrativa da cidade.

Muitos destes trabalhos foram realizados em conjunto com as demais Salas Históricas da Divisão de Biblioteca, o que está dando origem à criação do Serviço de Documentação da História Local, sem ônus ao Município.

Na área do resgate da memória do folclore ganhou destaque o Centro de Pesquisa do Folclore, sediado na Chácara Silvestre, em Nova Petrópolis. E aqui o principal evento foi mais uma festa de NS da Boa Viagem, com destaque para a Procissão dos Carroceiros. Já o Compahc oficializou o tombamento dos primeiros bens históricos. O acervo da Vera Cruz, mantido por Jordano Martinelli, sobreviveu a mais um ano e os próprios estúdios da velha empresa cinematográfica foram tombados pelo patrimônio municipal, depois de uma novela que envol-



veu lances do Executivo e Legislativo.

Numa grande síntese: foi um bom ano. No entanto, muito ainda precisa ser feito. É um trabalho de formiguinhas, que não aparece, que não reúne multidões, que muitas vezes não convence nem mesmo as autoridades ou pessoal técnico ligado à área. De resto, um problema nacional de um país sem memória.

O básico, no entanto, vai sendo atingido. De um lado existe o pessoal que luta pela causa; de outro há a comunidade, que tem respondido. Se o Museu Histórico e Pedagógico Antonio Raposo Tavares, brilhantemente dirigido pelo professor Raimundo Nonato, foi deslocado do centro para a periferia, existe a denúncia do fato. Se os cantadores de reis não foram oficialmente convidados a cantar no presépio (digno, incrível, único) do Paço Municipal, o certo é que alguns grupos, por livre iniciativa, assim mesmo foram ao local, cantar e orar. E manter suas tradições.

Cochilos, percebe-se, ocorreram. Mas aqui está 1988. A luta deve continuar e a esperança é a de que os erros cometidos sejam sanados, corrigidos, revertidos em boas ações, enfim!